

Teia de pensamentos: ciclo de discussões sobre arte e poder

Núcleo Trânsfugas

Hamlet: Eu me libertarei com o maior prazer, senhor, de tudo quanto quiserdes tomar de mim... exceto minha vida, exceto minha vida, exceto minha vida (ATO II, CENA II).

Teia de Pensamentos foi um ciclo de seis palestras sobre arte e poder, realizado no Centro Cultural São Paulo entre os dias 26 de maio e 30 de junho de 2007. Idealizado e produzido pelo Núcleo Trânsfugas, contou com as palestras de Christine Greiner, Julio Groppa Aquino, Peter Pál Pelbart, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Norval Baitello e Luiz Fuganti.

O núcleo se configura como um grupo de pesquisa em arte que, surgido no segundo semestre de 2006, acabou por definir um amplo campo temático de discussão, mergulhando na problemática das configurações do poder no mundo contemporâneo e sua relação com o fazer artístico. Já no início dessa pesquisa, algumas referências começaram a tomar corpo e surgiu a idéia de propor um debate público para confrontar discursos. E, principalmente, criar

um espaço oportuno para pensar como mobilizar através do evento uma espécie de entretempo – brecha para uma mudança de percepção do pensamento.

O nome do núcleo, portanto, foi resultado de uma identificação com um movimento de desvio, de saída do contexto original, de negação ativa e inconstante de origens antes não questionadas. Por isso trânsfugas:

“Trânsfuga:

Substantivo de dois gêneros

1. soldado ou militar que, em tempo de guerra, deserta das fileiras do exército de seu país e passa a servir no exército inimigo; desertor.
2. aquele que deixa o partido político a que estava filiado para filiar-se a outro.
3. indivíduo que muda de crença religiosa.
4. aquele que renega seus princípios, que se descuida de seus deveres.”¹

A imagem de uma teia tenta materializar uma conexão de fios que não seguem necessariamente o mesmo fluxo, mas que criam juntos um campo temático consistente o suficiente

O Núcleo Trânsfugas é formado por Beatriz Vilas Bôas, Maíra Gerstner, Rodrigo de Oliveira – estudantes de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo – e Juliana Bittencourt – estudante de Fotografia da Faculdade Senac.

¹ Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.

para ser experimentado. Este conceito foi inspirado na ação do artista Takashi Murakami, realizador de diversas obras polêmicas nas quais relaciona seus produtos artísticos à sociedade de consumo japonesa, assumindo fazer uma arte comercial. Murakami criou uma espécie de cooperativa de artistas, a Kaikai Kiki Co, onde, diversos estudantes universitários, em troca de um sanduíche, mas também da possibilidade de terem visibilidade no mercado da arte, foram convidados a desenvolver trabalhos e pesquisas. Com isso, Murakami passou a estabelecer uma rede de troca de pensamentos, de disseminação de uma idéia que tentava estabelecer uma outra lógica de produção artística frente ao mercado vigente.

Tanto a concepção da cooperativa em si, quanto à ironia do discurso de Murakami foram instigadores para a elaboração de um ciclo de palestras sobre arte e poder. A postura radical do artista diante da sociedade de consumo japonesa nos soou como uma resposta genuína às pretensas ordens já dadas no que se refere à comercialização da arte, arte como resistência, arte como atitude política etc.

O mote para a realização da Teia de Pensamentos foi o desejo de criar parcerias, práticas de discussão e intercâmbio artístico-filosófico, bem como a necessidade inicial que tínhamos de discutir tais questões não só no ambiente acadêmico. Em tempos tão sombrios e incertos, onde tudo parece estar cooptado (e disso nem a arte também escapa) talvez só nos reste começar a fazer outras perguntas.

O Centro Cultural São Paulo foi o lugar pretendido para realizar os encontros por conta da sua acessibilidade, do seu público heterogêneo (pessoas de várias faixas etárias e diversas áreas de interesse) e pelo seu projeto de ser um espaço cultural. Essa escolha vem dar peso ao caráter público e aberto que o projeto teve.

Foram chamados nomes que tinham de alguma forma contribuído para o que estávamos pesquisando naquele período; professores e pensadores que nos apresentaram essas temá-

ticas e outros que a desenvolvem de forma bastante apropriada em suas pesquisas. Durante o Ciclo, os palestrantes ampliaram a imagem da teia. Tencionaram fios, na medida em que as falas intrincaram-se e tocaram em referências comuns, sem deixar de seguir desenvolvimentos próprios.

“Corpo e Poder”, “Biopolítica”, “Totalitarismo dos modos de vida”, “Público Privado Social”, “As imagens que devoram os corpos” e “Corpo em devir” foram recortes sugeridos pelos próprios palestrantes a partir da proposta do Ciclo, na tentativa de tratar contundentemente as problemáticas existentes do nosso tempo histórico.

Os temas das palestras que compõe o Ciclo nos pareceram essenciais para pensar não só questões políticas ou artísticas, mas uma espécie de sobrevivência nos tempos atuais. Sobrevivência entendida aqui como uma urgência de tomar para si a vida que nos resta. Dado este embate nos defrontamos com todo um cenário carregado de problemáticas que vão do dilaceramento da fronteira entre o público e privado à devoração dos corpos nos regimes de vida atuais.

As malhas subterrâneas desse poder vão despercebidamente envolvendo cada singular manifestação da vida, e nesses pontos de intersecção encontramos também a prática artística. Dado isso, nos resta perguntar: como essa prática tem reagido às investidas desse bio-poder e que potências latentes ela encontra para deixar mais nítidas as formas dessa manifestação de dominação?

* * *

A maioria das palestras primou pelo tom provocativo, trazendo o público, a todo o momento, para uma presentificação que nos fez perceber que a discussão não estava focada tanto na relação entre arte e poder, mas na manifestação de um poder que investe no corpo como *locus* da vida.

O caráter crítico das seis falas teve em comum, também uma proposição ativa, em contraponto a um niilismo trágico e negativo comumente relacionado às posturas hiper-críticas.

Com o Ciclo finalizado, fica claro para o núcleo que a principal força que tornou a Teia de Pensamentos um encontro fértil foi o modo como as pessoas que freqüentaram ou passaram por ele se tornaram participantes disso.

O encontro se realiza (no sentido mesmo de tornar-se real) a partir do momento em que as falas dos palestrantes se tornam escuta dos participantes. Nessa outra etapa dos textos escritos, esperamos que o leitor faça esse encontro mais uma vez real.

As transcrições aqui presentes foram pensadas na própria concepção do projeto. Já desde o primeiro contato com os palestrantes, a divulgação em texto e vídeo foi proposta no sentido de expandir o material, e utilizar esse des controle da informação a favor da criação de pelo menos um esboço de um debate público.

Para a Teia de Pensamentos, a divulgação foi realizada essencialmente através de lista de e-mails, folders e cartazes colados pela cidade de São Paulo. A iniciativa não tinha fim outro que o de aprofundar pontos não consensuais. Para

além do acontecimento em si, a publicação e a posterior postagem de material na internet já estavam previstas desde o início e servem tão somente para despertar a atenção para práticas de vida, perceptivas, e também expansivas, da linguagem da arte que aqui se busca. Ou seja, reconhece-se a utilização de um modelo que parte do apoio institucional, mas que se pretende sem amarras, uma vez que se propõe outro escopo para as atividades realizadas, necessariamente ativador, como o princípio que faz a substância.

O significado do Ciclo e do material que agora se apresenta neste formato é transmutar-se, permitindo continuidade de uma freqüência que sintoniza práticas e discussões futuras, que conecta pesquisas e trabalhos artísticos.

Em meio a tantas zonas de incerteza, nosso desejo era então promover encontros públicos nos quais se pudesse explorar todo este transbordamento de pensamentos. Como diria Caio Fernando Abreu: “Não é possível fingir que você não viu o que já viu”. É inevitável falar sobre o que já nos é por demais escancarado, é inevitável não reconhecer que algumas práticas (inclusive artísticas) já não dão mais conta da nossa sobrevivência. A Teia de Pensamentos foi, assim, um projeto inevitável.³



³ Agradecimentos: Aguinaldo Said, Annablume, Anette Lomaski, Centro Cultural São Paulo, Christine Greiner, Gabriela Itocazo, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Julio Groppa Aquino, Luiz Fernando Ramos, Luiz Fuganti, Maíra Valente, Maria Thais dos Santos, Mariana Thibes, Mário Ramiro, Millie Panichi, Norval Baitello, Peter Pál Pelbart, Silvia Fernandes.